

T E R T Ú L I A

OS GALOS E «O BARULHO DA LUZES»



realmente demais. Hoje em dia, jornal português que tenha fumos literários, já se sabe: à mais pequena coisa, atira com o nome de Brecht. Fala-se de teatro: Brecht. De poesia: Brecht.

Ensaio: Brecht. Política, cinema: Brecht.

Um abuso — aqui para nós. Um abuso porque estando apenas traduzida, em inglês, francês ou em italiano, uma parte da obra do genial dramaturgo, não atino com que artes certos ensaístas portugueses desconhecedores da língua alemã publicam doudas interpretações da estética brechtiana.

Mistérios à portuguesa, digo eu. Desde que nesta casa se implantou o princípio de que cada qual sabe tudo e os outros nada, o princípio segundo o qual cada um se considera universal custe o que custar, desde então canta quem tem onde cantar e os restantes que afeioem o ouvido à falsa música. E é se querem. Caso contrário, têm bom remédio: rolha nas orelhas ou galarim onde façam o mesmo.

Esta última alternativa tem tido bastante êxito ultimamente. A multidão de galos capões que entoa várias citações *à la page* nos diversos galarins das nossas capitais do espírito tem-se multiplicado corajosamente. Todos, numa palavra, estão absolutamente seguros da sua inviolabilidade porque todos estão compenetrados de que na Aldeia dos Esquecidos (do mundo) quem se lembra dos padrões mais recentemente consagrados à escala universal é automaticamente empossado de carta de guia da mais fina actualidade.

Não exagero nisto. Fala-se daqui para a Europa como antigamente se falava de Lisboa para os Papas ou para os capitães de Malaca. O literato ou o artista apressado sente chegada a estação propícia à glória-em-dois-golpes. Está à vontade para isso. Ninguém sabe nada, ninguém discute — logo, fale-se de galarim, arrote-se descaramento.

A lei tornou-se geral. Veio de cima até às camadas mais baixas. Ainda esta semana tive a prova disso num ferro-velho de Óbidos aonde um amigo me levou por causa de uma Santa Ana de barro policromado (obra do século XVII — sei-o agora — das oficinas aveiřenses).

Lá fui e dei com uma mulherzínha minúscula, óculos certos, corpo de franga suja, aninhada numa montanha de garrafas e de ferros quebrados. Vendo-me, começou prontamente o ataque: a peça era do século XV e dos mestres de Alcobça!

Barros portugueses no século XV seria coisa de pasmar — até aí ainda ia a minha ciência. Mas a mulher passou por cima do meu ar composto de entendimento e metralhou-me da sua trincheira de garrafas, citando turistas que tinham observado a peça, um doutor do Museu das Caldas, não sei quantos padres e vários senhores de posição. Tudo a garantir que a obra era do século XV e valia muito mais do que me pedia.

Indiferente a tanta abonação, joguei, mesmo assim, umas centenas de escudos, e quando trouxe

a peça aos peritos verifiquei que o bilhete saíra premiado.

É que apesar das citações estarem erradas e o «crítico» ter tido a fortuna de encontrar um «leitor» incauto, a matéria em si era de qualidade. O que vem provar que por mais *argumentos-Brecht* que se utilizem, por mais citações de contrabando que se apliquem, por maior que seja o «barulho das luzes», como dizem os lisboetas, as coisas genuínas resistem inalteráveis e não permitem a glória fácil.

JOSÉ CARDOSO PIRES